1916: O VIOLÃO BRASILEIRO JÁ É UMA ARTE

Paulo CASTAGNA* e Gilson ANTUNES**

CASTAGNA, Paulo e ANTUNES, Gilson. 1916: o violão brasileiro já é uma arte. *Cultura Vozes*, São Paulo, ano 88, n.1, p.37-51, jan./fev. 1994.

RESUMO. *Um dos aspectos mais interessantes da música brasileira no século XX, é a evolução de um violão despretensioso e marginalizado, para o instrumento mais utilizado na música erudita ou popular, em qualquer classe social, como acompanhador ou solista. Esse fenômeno ocorreu com uma rapidez tão grande, que os movimentos anteriores foram sendo esquecidos, à medida que se alcançava uma nova etapa. Hoje, o maior desafio que se apresenta ao violão brasileiro é a pesquisa e organização do seu repertório, o levantamento dos principais violonistas e a recuperação de sua história. 1916 é o ano da primeira grande conquista do instrumento. O nome em destaque é o de Américo Jacomino.*

1. Instrumento vulgar e sem valor

No início do século, quando começava a se desenvolver, no Brasil, a música para violão, o instrumento ainda era considerado "*próprio somente para modinhas e serenatas ao luar*",[1] ou "*vulgar e, por isso, sem valor*".[2] Em maio de 1916, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, ainda se referia ao violão desta maneira:

> "*Debalde os cultivadores desse instrumento procuram fazê-lo ascender aos círculos onde a arte paira. Tem sido um esforço vão o que se desenvolve nesse sentido. O violão não tem ido além de simples acompanhador de modinhas. E quando algum* virtuose *quer tirar efeitos mais elevados na arte dos sons, jamais consegue o objetivo desejado ou mesmo resultado apreciável.*
> "*A arte, no violão, não passa por isso, até agora, do seu aspecto puramente pitoresco*".[3]

Poucas semanas depois, o periódico continuava a insistir na "*precariedade artística*" do violão, assim como da guitarra portuguesa:

> "*A guitarra nasceu para o fado e o violão para a modinha. Violão e guitarra são instrumentos populares, através cujas cordas palpitam tristezas, lágrimas e risos de dois povos intimamente ligados pela afini*

* Pesquisador da música brasileira, mestre em música pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e professor do Instituto de Artes da UNESP e da Faculdade Santa Marcelina, São Paulo.

** Violonista e pesquisador da música brasileira para violão, graduado no Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

[1] Os Municipios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 32, n.10.220, p.2, quinta-feira, 29 nov.1906.

[2] Um interessante invento. *O Estado de S. Paulo,* São Paulo, ano 40, n.12.660, p.3, col. Artes e Artistas, sexta-feira, 22 fev.1914.

[3] Audição de violão. *Jornal do Commercio,* Rio de Janeiro, ano 90, n.127, p.6, col. Theatros e Musica, domingo, 7 mai. 1916.

> *dade de raça, de coração e de língua. Acompanhando uma canção sentimental ou dedilhando um fado corrido, a guitarra e o violão falam não só à alma de popular, mas à alma de toda a gente. Uma e outro jamais lograrão alcançar a perfeição sonhada pelos seus cultores apaixonados. As regiões da música clássica não lhe são propícias, as suas cordas não se dão muito bem nos ambientes de arte propriamente dita.*"[4]

Embora atacado por ser instrumento ligado à música popular, o violão já era utilizado entre nós, nas duas primeiras décadas do século XX, também como instrumento solista.[5] No Rio de Janeiro, os precursores mais importantes dessa inovação foram Ernani Figueiredo e Alfredo de Sousa Imenez, falecidos, respectivamente, em 1917 e 1918. O movimento violonístico, na cidade, cresceu com a atuação de Sátiro Bilhar, Brant Horta, Joaquim Francisco dos Santos (Quincas Laranjeiras), Mozart Bicalho, Melchior Cortez e Heitor Villa-Lobos, entre outros.

A produção desses músicos, que inaugurou a arte brasileira do violão, era fracamente aceita fora das classes populares, no início do século e, com raras exceções, impedida de participar dos meios de difusão musical reservados às elites. À exceção de Villa-Lobos, os demais nomes citados foram praticamente esquecidos e a maior parte de sua obra irremediavelmente perdida.

Papel importantíssimo na reversão dessa tendência, desempenharam Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) e João Teixeira Guimarães (1883-1947), o "João Pernambuco", sobretudo na difusão de canções regionalistas com acompanhamento de violão, este último com apresentações bastante concorridas em 1916.[6] Catulo chegou a reivindicar para si a emancipação do instrumento: "[...] *Digamos mais que fui eu o introdutor do violão na alta sociedade. Os cantadores de festas e de rádios sabem disto, mas fingem ignorar.* [...]"[7]

A aceitação do violão como instrumento de concerto, no país, não resultou somente da atuação desse grupo pioneiro de músicos. Uma nova técnica de execução e um

---

4 Audição de guitarra. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 90, n.147, p.6, col. Theatros e Musica, sábado, 27 mai. 1916.

5 Já no século XIX, existiram solistas de violão no Brasil, ainda que sua técnica deva ter sido muito simples. A *Enciclopédia da música brasileira* (São Paulo, Art Ed., 1977, 2 v.) cita os nomes de Francisco Borges (p.104), Guilherme Cantalice (p.141), José de Sousa Aragão, o "Cazuzinha" (p.182), Brás Luís de Pina (p.608), Laurindo José da Silva Rabelo (p.639), José Joaquim dos Reis (p.648), Juca Vale (p.777) e Vicente Gagliano, o "Vicente Sabonete" (p.792). Cf. também VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira na "Belle Époque"*. Rio de Janeiro, Livraria Sant'Anna, 1977. 454p., PINTO, Alexandre Gonçalves. *O Chôro*: reminiscencias dos chorões antigos por Alexandre Gonçalves Pinto - Contendo: o perfil de todo os chorões d'agora, factos e costumes dos antigos pagodes, este livro faz reviver grandes artistas musicistas que estavam no esquecimento. Rio de Janeiro, Typ.Glória, 1936. 208p. [ed. facsimilar: Introdução de Ary Vasconcelos. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, 1978. 220p.(MPB reedições, v.1)] e SANTOS, Maria Luiza de Queirós Amâncio dos. *Origens e evolução da música em Portugal e sua influência no Brasil*. Rio de Janeiro, Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, 1942. 343p.

6 Noticias Theatraes. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.657, p.2, col. Palcos e Circos, terça-feira, 16 mai. 1916 [o jornal dá outras notícias sobre a "troupe" de Pernambuco, entre 20 de maio e 13 de junho]; O Trio Viriato Correa - Storni - Pernambuco. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 90, n.311, p.6, col. Theatros e Musica, 7 nov.1916 e n.337, p.5, ídem, domingo, 3 dez. 1916; Concerto Pernambuco. *O Estado de S. Paulo*, ano 42, n.13.876, p.7, col. Artes e Artistas, quinta-feira, 21 dez. 1916 [outras notícias entre 28 dez. 1916 e 15 jan. 1917].

7 Texto de 1945, publicado em: CEARENCE, Catulo da Paixão. *Modinhas*; seleção organizada, revista, prefaciada e anotada por Guimarães Martins, de acordo com uma introdução do autor e apreciações de Carlos Maul, Rocha Pombo e Luís da Câmara Cascudo. 3ª, São Paulo, Fermata do Brasil, 1972. p.19 (Obras completas de Catulo da Paixão Cearence, v.1)

novo repertório transformaram completamente a receptividade do violão no meio musical brasileiro. O marco é o ano de 1916 e os personagens principais são Agustin Barrios, Josefina Robledo e Américo Jacomino.

2. Nos círculos onde a arte paira

Transcorria, na Europa, a I Guerra Mundial. As apresentações do paraguaio Agustin Barrios (1885-1944) e da espanhola Josefina Robledo, em várias cidades brasileiras, respectivamente a partir de 1916 e 1917, provocaram um enorme impacto no público, nos músicos e na imprensa, derrubando o antigo argumento da "incapacidade artística" do violão.

Após o primeiro concerto de Barrios no Rio de Janeiro, em 24 de julho de 1916, o mesmo *Jornal do Comércio* que, semanas atrás, publicava fortes censuras ao violão, passa a reconhece-lo, então, como instrumento digno das salas de concerto, dirigindo sua crítica, agora, a uma suposta falta de qualidade da produção violonística brasileira:

> "*Sem querer dar ao violão a hierarquia aristocrática do violino, do violoncelo e de outros instrumentos que, como ele, tiveram no alaúde o seu remoto ancestral, em todo caso acreditamos que não se faz ainda ao violão a justiça que lhe é devida - o que, até certo ponto, se explica pela dificuldade da técnica do instrumento que ninguém, quase, tenta vencer e dominar, desanimados todos pela igualdade do timbre que lhe dá uma feição de monotonia.*
>
> "*Não compreendemos, porém, que se cultive o bandolim em prejuízo do violão, quando a superioridade deste é imensa como elemento de expressão, como variedade de efeitos, como exemplar de harmonização interessante na formação dos acordes, como recurso de modulações estranhas pela sua novidade.*
>
> "*De ordinário, os cultores do violão limitam-se a fazer dele um instrumento de acompanhamento de modinhas chorosas, ou o monótono repetidor de desenhos rítmicos de dança, ou o intérprete dos rasgados sonorosos que convidam ao sapateado languoroso e lascivo!*
>
> "*Quanta injustiça!*
>
> "*Essa mediocridade, a que condenaram o violão, tem a sua explicação na ignorância dos que lhe ponteiam as cordas sem o conhecimento da riqueza de efeitos que se podem obter do precioso instrumento, que mereceu particular atenção de Berlioz no seu tratado de instrumentação.*
>
> "*Que o violão tenha um repertório limitadíssimo não admira, porque, com exceção do piano e do órgão, isso acontece a todos os instrumentos, até mesmo ao violino, cujos foros de nobreza ninguém contesta. E, quando nos referimos à pobreza de repertório, deve ser entendido que aludimos à raridade das composições de valor e não à quantidade, pois é sabido que, para o violino principalmente, muito se tem escrito e pouco se tem mantido no repertório.*
>
> "*Como já fizemos sentir, o violão sofre principalmente pelas dificuldades que ele oferece e que poucos ousam afrontar pelo estudo. Só*

> *nestes últimos tempos é que por aqui tem aparecido alguns cultores como os srs. Ernani de Figueiredo, Brant Horta e alguns raros mais.*”[8]

A falta de contato com o repertório violonístico, brasileiro e internacional, não foi característica exclusiva daquela década. Manuel Bandeira, em 1924, apesar de elogiar a sonoridade do instrumento, desconhece totalmente as composições para violão, daquele período ou de épocas anteriores[9] e o eruditíssimo Domingo Prat, em 1934, ainda afirmava que “*Brasil, en guitarra, vive un tanto atrasado*”.[10] Mesmo a produção de Américo Jacomino, sobre a qual pouca coisa de valor tem sido escrita, não despertou o interesse de José Ramos Tinhorão e Ary Vasconcelos, por exemplo, dois dos mais importantes historiadores da música popular brasileira.

As apresentações de Agustin Barrios, contudo, provocararam, por todo o país, uma repercussão impressionante, que somente poderá ser avaliada em um trabalho de tese. Após os concertos do violonista paraguaio no Teatro Municipal de São Paulo, em 1917, a imprensa já consegue se referir ao violão de forma mais racional, procurando compreender melhor as características do instrumento e sua relação com o gosto musical vigente:

> “*O violão é um instrumento nobre. Pena é que a sua sonoridade não corresponda às exigências do público dos concertos, que ansia sempre pelas grandes sonoridades. Em todo o caso, num salão, todos poderão apreciar a voz poética do violão, intensamente expressiva, a doçura e suavidade de suas inflexões sonoras, principalmente quando esse instrumento tem ao seu serviço um concertista da envergadura de Artur* [sic] *de Barrios.*
>
> “*Ele sabe elevar o violão à altura prestigiosa em que se manteve no período áureo do século XVI, e que chegou a destronar a viola.*
>
> “*Dos seus magníficos dedos brotam caudais de sons divinos. É que o seu mecanismo é irrepreensível, brilhante o seu estilo, profundo o sentimento que agita a sua fina alma de artista.*”[11]

Se Agustin Barrios trouxe ao Brasil um virtuosismo violonístico sem precedentes e Josefina Robledo a técnica refinada do concertista e didata espanhol Francisco Tárrega, cabe a Américo Jacomino a criação do primeiro gênero brasileiro de música solística para violão que obteve aceitação do público tradicional. Popular ou erudito? talvez, um pouco de cada.

3. O aplaudido violonista da Casa Édison

Américo Jacomino, filho de imigrantes napolitanos, nasceu presumivelmente em São Paulo,[12] em 1887. Sua atividade, até 1915, é quase totalmente desconhecida, saben

---

[8] O primeiro violonista do mundo. *Jornal do Commercio,* Rio de Janeiro, ano 90, n.206, p.5, col. Theatros e Musica, terça-feira, 25 jul. 1916.

[9] BANDEIRA, Manuel. Literatura do violão. *Ariel*, São Paulo, v.2, n.13, p.463, out. 1924.

[10] PRAT, Domingo. *Diccionario de guitarristas*. Buenos Aires, Casa Romero y Fernandes, [1934]. Verbete “Soares, Osvaldo”, p.297.

[11] Arthur de Barrios. *A Cigarra,* São Paulo, ano 4, n.65, s/p., 30 abr. 1917.

[12] A biografia de Américo Jacomino ainda gera controvérsias. Algumas pessoas que o conheceram, afirmavam que nasceu em Santos (SP) e sua certidão de casamento acusa o nascimento na Itália. Cf. o texto

do-se, apenas, que viveu certo tempo como pintor e jornaleiro, enquanto se iniciava no instrumento, cremos, de maneira autodidata. Por volta de 1904, já se apresentava como solista de violão, utilizando a estranha posição que originou a alcunha pela qual é mais conhecido: "Canhoto".

Não é sem razão que, do período anterior a 1915, pouco se sabe a respeito de Jacomino. O movimento violonístico em São Paulo, até essa data, foi quase inexistente e os registros históricos são hoje raríssimos.[13] Isaías Sávio afirma que "*o primeiro recital de importância nesta capital*" foi o do violonista cubano Gil Práxedes Orozco, em 1903, no Teatro Santana[14] e Ronoel Simões informa que Orozco lecionou o instrumento na cidade entre 1903 e 1908, assim como o violonista italiano Eugene Pingitore, entre 1912 e 1915.[15] Do primeiro, foi aluno Dante Rausse, outro italiano, que atuou na capital nas décadas seguintes.

O Estado de S. Paulo noticia alguns recitais de violão no período, como os de Gil Orozco, no Salão Carlos Gomes, em 1904,[16] no Salão Steinway, em 1906, com o violonista português Alberto Baltar[17] e nos salões da Casa Livro Azul[18] e do Clube Campineiro[19] daquela cidade, em 1906. O espanhol Manuel Gomes aparece em recitais de violão, nos salões da Casa Bevilacqua[20] e do Centro Espanhol de Campinas, no ano de 1911[21] e o português Francisco Pistoresi em duas apresentações de 1914, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo,[22] executando um exótico instrumento de nome "diamenofone", ao qual adaptava ora um violoncelo, ora um violão.

Se essas foram, na época, as principais participações do violão em São Paulo, é possível afirmar que Américo Jacomino desenvolveu a arte solística do seu instrumento, praticamente isolado de qualquer influência significativa, criando uma maneira própria de executar valsas, polcas, mazurcas, dobrados e outros gêneros que, naquele período, utilizavam o violão como mero acompanhador.

Entre 1912 e 1913, Jacomino gravou 12 discos pela Odeon do Rio de Janeiro, a maioria como violonista do "Grupo do Canhoto", conjunto formado por clarineta, trombone, cavaquinho e violão. Dessas "chapas", todas de uma única face, já constavam 4 peças em solo de violão, provavelmente de sua autoria:[23] a valsa *Belo Horizonte* (n.

---

de J. L. Ferrete, na contracapa do disco *Américo Jacomino "Canhoto"*; homenagem ao 50º aniversário de seu falecimento (1928-1978). São Paulo, Continental, 1978, LP 1-07-702-136.

[13] Para a pesquisa sobre o violão na primeira década deste século, no jornal *O Estado de S. Paulo*, contamos com a colaboração do colega Eduardo Fleury Nogueira.

[14] SÁVIO, Isaías. Violão: tábua cronológica (1784-1910). *Violão e mestres*, São Paulo, v.2, n.9, p.44-51, nov.1968.

[15] SIMÕES, Ronoel. O violão em São Paulo. *Violão e mestres*, São Paulo, v.2, n.7, p.25-29, 1967.

[16] Terceto hespanhol. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 30, n.9.288, p.2, col. Artes e Artistas, sábado, 7 mai. 1904.

[17] Gil Orozco. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 32, n.10.205, p.3, col. Artes e Artistas, quarta-feira, 14 nov.1906.

[18] Os Municipios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 32, n.10.220, p.2, quinta-feira, 29 nov.1906.

[19] Os Municipios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 32, n.10.226, p.2, quarta-feira, 05 dez. 1906.

[20] Concerto de violão. *O Estado de S. Paulo*, ano 37, n.11.898, p.6, col. Artes e Artistas, quinta-feira, 13 jul. 1911.

[21] Concerto no "Centro Hespanhol". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 37, n.11.930, p.3, col. Noticias do Interior e Litoral do Estado, segunda-feira, 14 ago. 1911.

[22] Um interessante invento. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 40, n.12.660, p.3, col. Artes e Artistas, sexta-feira, 22 fev.1914; Concerto. *O Estado de S. Paulo*, ídem, n.12.797, p.5, ídem, 4 jul. 1914.

[23] Os dados sobre gravações antigas foram extraídos da *Discografia brasileira em 78 rpm*. Rio de Janeiro, Funarte, 1982. 5 v.

120.595), a polca *Pisando na mola* (n. 120.596), o dobrado *Campos Sales* (n. 120.597) e a mazurca *Devaneio* (n. 120.598).

Por essa época, Américo Jacomino tambem se apresentava em cinemas da capital, nos chamados "espetáculos de variedade", bastante comuns na década de 10. Os autores que já se ocuparam do "Canhoto",[24] citam os cinemas Bresser, Brás-Bijou e o Éden Teatro. Em dezembro de 1915, *O Estado de S. Paulo* destacou suas apresentações no cinema High-Life e, em 1916, nos teatros Minerva e Colombo, além de concertos em Descalvado e Amparo, interior do Estado de São Paulo. Nesse ano, já era chamado "*o Rei do violão*" *e* "*o aplaudido violonista da Casa Édison*", tornando-se bastante conhecido entre os apreciadores de música "popular".

"Canhoto" continuou a gravar. Em datas desconhecidas, entre 1913 e 1918, sairam, pela Phoenix, 15 "chapas" incluindo seu nome, dentre estas, 10 com o "Grupo do Canhoto" e 5 com Jacomino ao violão, interpretanto, de sua autoria, as valsas *Saudades de minha aurora* (n. 70.786) e *Belo Horizonte* (n. 70.803, provável regravação), a polca *Uiara* (n. 70.804), a mazurca *Devaneio* (n. 70.805) e o chótis *Sempre teu* (n. 70.806). Pela Odeon, entre 1915 e 1921, foram lançados 30 discos com sua participação. Em 20 deles toca no "Grupo do Canhoto", enquanto 4 outros sairam com obras suas, na execução de grupos diversos. Jacomino acompanhou o popularíssimo "Baiano" (Manuel Pedro dos Santos) em 2 discos e apareceu, em 4 títulos, tocando composições próprias no seu instrumento: as valsas *Beijo e lágrimas* (n. 121.248) e *Acordes do violão* (n. 121.249), além dos tangos *Madrugando* (n. 121.478) e *Recordações de Cotinha* (n. 121.479).

4. Cinco de setembro de 1916

Em fins do primeiro semestre de 1916, iniciou-se a ascenção do violonista aos palcos importantes da cidade. Apresentou-se, em datas incertas, nos salões do jornal *O Estado de S. Paulo*, do Automóvel Clube, do Trianon, do Conservatório Dramático e da revista *A Cigarra*.[25] Mas foi em setembro desse ano que o "Canhoto" participou do evento que comparamos, em importância e repercussão, aos concertos de Agustin Barrios e Josefina Robledo no Brasil: seu primeiro recital para um grande público, acompanhado de conferências sobre a carreira de Jacomino e sobre o violão, no Salão Nobre do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, um dos principais palcos da música erudita paulistana.

É bem provável que esse concerto tenha sido organizado e promovido pelo "Canhoto" e pelo escritor português Manuel Leiroz, um admirador do violão e do conhecido violonista. Em junho de 1916, antes mesmo da chegada de Barrios ao Brasil (a 19 de julho, no Rio de Janeiro), Leiroz publicava, na revista *A Cigarra*, um artigo sobre Américo Jacomino, onde anunciava a apresentação no Conservatório, elogiava sua arte e, surpreendentemente, referia-se ao violão de forma bem diversa daquela encontrada nos periódicos da época:

> "*O que encanta neste concertista de violão não é propriamente a riqueza de técnica, em verdade colossal, nem o senhorio legítimo do seu*

[24] Ao contrário de relacionar todos os trabalhos conhecidos sobre Américo jacomino, preferimos citar o artigo que enumera a maior parte dos textos sobre esse autor e sobre o violão no Brasil: CASTAGNA, Paulo & SCHWARZ, Werner. Uma bibliografia do violão brasileiro 1916-1990. *Revista Música,* São Paulo, v.4, n.2, nov.1993, p.190-218.

[25] Americo Jacomino. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.763, p.4, col. Artes e Artistas, quarta-feira, 30 ago. 1916.

> *instrumento, mais indomável que uma fera. O que em Américo Jacomino encanta é a sua ciência dos tons, que ele transforma numa doce harmonia e transmite ao ouvinte, extasiando-o.*"[26]

Na semana anterior ao concerto do conservatório, Jacomino apresentou-se em uma audição especial à imprensa, na Sala de Recepções do jornal *A Capital,* no Palacete Guinle, da Rua Direita. O sucesso foi maior que o esperado:

> "*Desde os primeiros acordes, conseguiu o sr. Américo Jacomino prender a atenção do auditório, entusiasmando-o e comovendo-o seguir. Quando terminado o primeiro número, não foi o aplauso convencional e inexpressivo com que se costuma lisonjear a vaidade de alguns artistas de exportação estranjeira, que na maioria dos casos não correspondem à fama de que vêm precedidos, que alí se ouvia. Não. Era o aplauso sincero de uma assistência admirada e conquistada pelo som do mágico instrumento.*"
>
> [...]
>
> "*Quanto ao valor de Canhoto, desnecessárias se tornam quaisquer referências. É mais do que um artista: é um verdadeiro talento musical.*"[27]

O concerto no Conservatório Dramático e Musical, no dia 5 de setembro de 1916, foi motivo de ansiedade e, mesmo competindo com a última apresentação da dançarina Isadora Duncan, no Teatro Municipal, esteve "*a regurgitar de ouvintes*". O *Diário Popular* foi claro ao apontar Jacomino como um grande inovador na execução do violão:

> "[...] *Para encher o salão bastaria decerto o mérito excepcional do artista, que soube evidenciar-se tanto na arte difícil do fazer falar, gemer e sentir um instrumento rebelde às inspirações musicais.* [...]"[28]

Além de frizar a diferença entre a arte de Jacomino e a dos violonistas acompanhadores, *A Gazeta* reforçou os elogios ao "Canhoto", destacando algumas de suas técnicas então mais apreciadas:

> "*É hoje que se realiza, no Conservatório Dramático e Musical, o concerto do simpático e habilíssimo violonista, sr. Américo Jacomino. É preciso advertir aos que o não conhecem ainda, que este artista não se pode confundir com muitos outros que se apontam nesta cidade e que não passam de talentosos* '*dilettanti*'. *Trata-se, na verdade, de um perfeito artista, possuidor de uma técnica admirável e que sabe arrancar ao seu instrumento uma porção de efeitos surpreendentes. Ninguém, antes de ouvi-lo, poderá supor de que recursos é capaz o violão.*
>
> "*Dentre os seus segredos de técnica há um que, consoante a opinião dos entendidos, é inimitável: é a maneira de fazer vibrar a corda*

---

[26] LEIROZ, Manuel. Americo Jacomino. *A Cigarra*, São Paulo, ano 3, n.45, [p.18], 30 jun.1916.

[27] Audição de violão. *A Capital*, São Paulo, ano 5, n.94, p.3, col. A Capital Artística, segunda-feira, 04 set. 1916.

[28] Bellas Artes. *Diario Popular*, São Paulo, ano 32, n.11.070, p.2, terça-feira, 5 set. 1916.

por meio da pressão lenta dos dedos. O efeito que ele tira, dessa pressão, que é, dizem, de sua criação exclusiva, tem uma doçura encantadora.”[29]

O concerto de 5 de setembro teve a participação de outro violonista, Álvaro Gaudêncio,[30] que acompanhou Jacomino em todas as peças, como de costume, além do cantor Trajano Vaz, que apresentou três números com acompanhamento de violão. O programa do evento foi publicado, de forma mais completa, pelo jornal *O Comércio de São Paulo*.[31] Notícias do dia seguinte indicam a autoria das obras[32] e o "bis" da peça *A cigarra na ponta*, no final da primeira parte. Somente *O Estado de S. Paulo* menciona a execução, por Jacomino, de uma obra com o título *Tango da Agarra*.[33] Utilizamos a versão de *O Comércio de São Paulo*, com pequenas alterações, baseadas em artigos de outros jornais:

I PARTE

1 - O poeta Danton Vampré apresentará o K...nhoto ao público.
Trajano Vaz apresentará os artistas em caricaturas.

Violão

2 - AMÉRICO JACOMINO: **Suplicando amor** (valsa).
Américo Jacomino, violão
3 - E. FRONTINI: **Serenata árabe**.
Américo Jacomino, violão
4 - AMÉRICO JACOMINO: **A cigarra na ponta** (tango),
"dedicada a esta distinta revista"
Américo Jacomino, violão
5 - [AMÉRICO JACOMINO]: **Magia do olhar** (valsa),
"dedicada ao meu amigo Trajano Vaz"
Américo Jacomino, violão

II PARTE

6 - CATULO DA PAIXÃO CEARENCE: **A choça do monte** [canção] e
O marroeiro (recitado)
Trajano Vaz, canto com violão

---

[29] Americo Jacomino. *A Gazeta*, São Paulo, ano 11, n.3.179, p.5, col. Espectaculos, terça-feira, 5 set. 1916.

[30] Gaudêncio também participou da audição à imprensa, em 3 de setembro: "*Acompanhou-o na audição de sábado, o distinto violonista sr. Álvaro Gaudêncio*". Audição de violão. *A Capital*, São Paulo, ano 5, n.94, p.3, col. A Capital Artistica, segunda-feira, 4 set. 1916.

[31] Notas de Arte. *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, ano 24, n.3.767, p.5, quarta-feira, 6 set. 1916.

[32] "*Antes de ser executado o atraente programa de música de violão, quase toda da lavra de Américo Jacomino, o sr. Danton Vampré disse algumas palavras sobre o concertista, enaltecendo-o e apresentando-o ao público*". Cf.: Americo Jacomino. *Correio Paulistano*, São Paulo, n.19.093, p.3, col. Registo de Arte, quarta-feira, 6 set. 1916.

[33] Americo Jacomino. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.763, p.4, col. Artes e Artistas, quarta-feira, 30 ago. 1916.

7 - A. CARLOS GOMES: **Protofonia do "Guarany"**
Américo Jacomino, violão
8 - [AMÉRICO JACOMINO]: **Cateretê** (imitação da viola sertaneja)
Américo Jacomino, violão
9 - AFONSO ARINOS: **O capim mais mimoso** [canção]
Trajano Vaz, canto com violão
10 - AMÉRICO JACOMINO: **Campos Sales** (dobrado),
"imitando tambores e cornetas"
Américo jacomino, violão
11 - [AMÉRICO JACOMINO]: **Medrosa** (valsa),
"dedicada ao exmo. sr. José Paulino"
Américo Jacomino, violão
12 - [AMÉRICO JACOMINO]: **Sonhando** (valsa),
"executada ao violão em diversas posições difíceis"
Américo Jacomino, violão

Das peças interpretadas por Jacomino, existem gravações da valsa *Suplicando amor*, com o "Grupo do Canhoto" (Odeon, n. 121.246, lançada entre 1915 e 1921), de uma fantasia de *O Guaraní*, com Américo Jacomino (Odeon, n. 123.210, lançada entre 1925 e 1927) e do dobrado *Campos Sales* (Odeon, n. 120.597, lançado entre 1912 e 1913). A valsa *Suplicando amor* também foi publicada, em vida do autor, por A. di Franco (São Paulo), em uma versão para piano e outra para canto e pequena orquestra. À exceção da *Serenata árabe*, de Frontini, popular na versão original para piano, as demais são completamente desconhecidas. O próprio Juvenal Fernandes, em seu catálogo das obras de Jacomino,[34] cita apenas *Campos Sales*, dentre as peças executadas no Conservatório.

Esse programa do "Canhoto" é, de fato, o primeiro que chegou até nós. Na maior parte do seu repertório, transparece uma inegável herança romântica, característica até de suas últimas composições. E é provável que tenha sido com esse espírito romântico que o violonista fez penetrar sua arte nos círculos conservadores de então.

5. Das ruas, para os palcos e salões

O violonista teve, nesse concerto, um aliado sem precedentes. O poeta Danton Vampré, após fazer "a apresentação de Jacomino, traçando-lhe a biografia e acentuando o seu merecimento artístico",[35] leu a conferência de manuel Leiroz, sobre o violão, enquanto as obras da primeira parte eram executadas:

> "[...] *Manuel Leiroz é um erudito e um artista que na intimidade gosta de dedilhar os bordões do violão e da guitarra* [portuguesa]. *Foi-se pois aos livros, compulsou monografias e esgotou o assunto, na palestra com que hoje concorre para o festival de um modesto mas digno artista, palestra que não pode deixar de ser um mimo literário e uma revelação de fatos e anedotas curiosíssimas sobre o papel e a importância dos ins*

[34] FERNANDES, Juvenal. O cartaz da semana. In: JACOMINO, Américo "Canhoto". *Abismo de rosas e grandes obras*. São Paulo, Fermata do Brasil, s.d., p.13-14.
[35] Conservatorio. *A Gazeta*, São Paulo, ano 11, n.3.180, p.4, col. Espectaculos, quarta-feira, 6 set. 1916.

> *trumentos de corda na vida emotiva e sentimental dos povos latinos da Europa, especialmente Portugal, Espanha, Itália e França.*
>
> "*Essa conferência, que não é, como tantas, uma ressonância de palavras desmioladas de idéia, mas um estudo de arte e uma reconstituição histórica, será, só por si, motivo bastante para que a culta 'elite' de S. Paulo não falhe ao Conservatório.* [...]"[36]

Manuel Leiroz, natural do Porto, viveu cerca de 30 anos em São Paulo e foi redator de *O Estado de S. Paulo*, desde 1895 e da revista *A Cigarra*, desde o primeiro número, em 1914, falecendo por volta de janeiro de 1919, em conseqüência da "epidemia de gripe" que assolou a cidade. Leiroz apresentou, no concerto de Jacomino, o primeiro texto escrito no Brasil sobre as origens do violão, antecipando-se até à conferência de Ernani Figueiredo, de 1917, o mais antigo documento publicado sobre a "história" do instrumento no Brasil.[37] Infelizmente, o texto completo de Leiroz não foi impresso e está, hoje, perdido.[38] Dessa conferência, só nos chegaram alguns resumos.Um deles foi publicado em *O Commercio de São Paulo*:

> "[...] *Como é natural, o tema da conferência é - o violão, por cuja trajetória histórica se verá como esse indefectível companheiro das serenatas soube também brilhar em castelos e palácios, pôde inspirar os restauradores da música pagã, serviu a fidalgos românticos e a trovistas despretenciosos, impondo-se, afinal, aos centros artísticos onde se mantém com honroso prestígio.*"[39]

O outro, em *O Estado de S. Paulo*:

> "*Nessa conferência dir-se-á o que foi o violão em mãos de fidalgos melodiosos e de boêmios tão pobres como Job. Por-se-á em evidência a sedução que ele exerceu sempre nas imaginações femininas numa noite, por exemplo, de céu alvinitente, a uma hora constelada, em que a serenata aponta na rua, desperta as virgens no seu leito e recebe do alto das janelas a moeda de ouro de um sorriso.*
>
> "*Far-se-á a reabilitação desse instrumento, despoetizado por mãos inábeis, mas reivindicado por tradições românticas, em que figuram 'los hermosos' da velha Espanha, os famosos Escarpins da poética Itália, os alegres e espirituosos boêmios da França de Luís XI.*
>
> *E provar-se-á que o violão, a que o plebeismo do nosso povo deu irreverentemente a classificação de 'pinho', é um instrumento que tem tanto de aristocrático e de fino quanto o violino e o violoncelo, ambos da mesma família, e que a canção e os cantores populares, antes de subirem*

---

[36] Bellas Ates. *Diario Popular*, São Paulo, ano 32, n.11.070, p.2, terça-feira, 5 set. 1916.

[37] [FIGUEIREDO, Ernani de]. A voz de uma autoridade sobre o violão; extracto de uma conferencia que o saudoso maestro Ernani de Figueiredo ia fazer em Campos em 1917. *O Violão*, Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.7-10, fev. 1929.

[38] D. Marlene Leiroz, neta do escritor, comunicou-nos, pessoalmente, a inexistência de qualquer manuscrito com o texto da conferência, entre as obras de Manuel Leiroz preservadas pela família.

[39] Concerto de violão com uma conferencia. *O Commercio de São Paulo*, São Paulo, ano 24, n.3.766, p.3, col. Notas de Arte, terça-feira, 5 set. 1916.

> *das ruas para os palcos e salões, fizeram o encanto dos ambientes rústicos e alcançaram a glória de uma fatigante existência.*"[40]

Embora ingênua, do ponto de vista histórico, a conferência de Manuel Leiroz soube colocar o violão, não como o acompanhante de amadores e músicos de rua, mas como instrumento cujos ancestrais participaram da vida musical das mais altas classes européias, deixando, portanto, sem fundamento a aversão ao violão como instrumento de pessoas desqualificadas. Américo Jacomino e Manuel Leiroz conquistaram, assim, a elite paulistana, possibilitando o início da dissolução do preconceito que freava, no Brasil, o desenvolvimento da música solística para o violão.

O resultado foi imediato. Em 26 de novembro do mesmo ano, Jacomino apresentou três números de violão no Teatro Municipal, "templo sagrado" da vida artística de São Paulo[41] e, em 5 de dezembro, retorna ao Conservatório para um concerto ainda maior que o primeiro,[42] tomando parte, no mesmo local, de outro evento, no dia 20.[43]

Américo Jacomino, a partir desse momento, iniciou uma vertiginosa carreira de concertista, com apresentações por todo o país e pela América Latina, compondo, gravando, ensinando, atuando ao lado dos músicos de maior renome da época e participando dos movimentos mais inovadores da música popular brasileira, até 1928, ano de sua morte. Uma história que ainda está por ser escrita.

6. Seu instrumento tem o segredo de atrair as almas

Como testemunhos de sua estréia "*em frente de um grande público*", no Conservatório, resta-nos somente as notícias do concerto e fragmentos da conferência do escritor português. Uma descrição mais detalhada do texto de Leiroz foi impressa pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia da apresentação.[44] Desconhecemos o nome do crítico musical (em 1923 era Américo R. Netto), mas a leitura do artigo faz supor que o resumo publicado seja do próprio Leiroz.

Pela inegável importância que tiveram, na inauguração de uma nova fase do movimento violonístico paulista e brasileiro, reproduzimos, como documentos históricos, os textos de Manuel Leiroz, que sairam na revista *A Cigarra* e no jornal *O Estado de S. Paulo*. A linguagem, excessivamente romântica para os dias atuais, é mais a de um apaixonado pelo instrumento, que a de um crítico ou historiador.

Para o violão brasileiro daqueles tempos, esse romantismo foi fundamental...

---

[40] Americo Jacomino. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.766, p.2, col. Artes e Artistas, sábado, 2 set. 1916.

[41] Festivaes. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.852, p.4, col. A Sociedade, segunda-feira, 27 nov.1916.

[42] Audição de violão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.860, p.9, col. Artes e Artistas, terça-feira, 5 dez. 1916.

[43] Concerto Antonio Peixoto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.875, p.7, col. Artes e Artistas, quarta-feira, 20 dez. 1916.

[44] Americo Jacomino. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 42, n.13.769, p.5, col. Artes e Artistas, terça-feira, 5 set. 1916. A atribuição da autoria do texto a Manuel Leiroz é nossa.

7. Manuel Leiroz e o violão do Canhoto: duas crônicas de 1916[45]

1 - AMÉRICO JACOMINO

Manuel Leiroz
(*A Cigarra*, 30 jun. 1916)

O que encanta neste concertista de violão não é propriamente a riqueza de técnica, em verdade colossal, nem o senhorio legítimo do seu instrumento, mais indomável que uma fera. O que em Américo Jacomino encanta é a sua ciência dos tons, que ele transforma numa doce harmonia e transmite ao ouvinte, extasiando-o.

É preciso porém vê-lo, para se poder fazer uma idéia nítida do artista. Vê-lo com disposição de espírito, como nós o vimos. Não há a maçada da afinação, os mil altos e baixos, até acertar. As chaves do seu instrumento obedecem-lhe como os soldados de um exército à ordem de comando. Quando menos se espera, ele fere as cordas em conjunto, fazendo os primeiros delineamentos melódicos e passa logo às frases, por intermédio das *primas* e *segundas*, vertendo no ouvido do assistente o drama de amor de uma alma. E é a partir daí que começa o encanto dominador do artista, a sua soberana inteligência em fazer do tom uma linguagem e desta linguagem a impressão comovida do motivo.

Na protofonia do *Guarany*, por exemplo, a paisagem visual vai-se operando em nós numa lentidão condizente com o ritmo da luz nos primeiros albores. Se fechamos os olhos, à maneira que a interpretação avança, a mafa surge-nos perlada dos primeiros vapores da madrugada e sonorizada de todos os brandos rumores que antecedem o dia. Ouvem-se depois os pios de flautim do passaredo que acorda, as vibrações misteriosas da selva despertando do seu sono com as ondas de luz jocunda e é então que rompe a protofonia num conjunto de *primas* e *segundas* traduzindo admiravelmente o hino ao sol.

Na *Serenata árabe* há a ternura, o mistério, a ironia. O intuito moral sublinham-no as cordas numa vibração cromática, que vai das primeiras aos bordões, em cadências de grande efeito, produzindo a nitidez melódica do assunto. Sente-se nessa música a alma enamorada do Trovador, visiona-se uma cabeça de mulher que a noite perturba de sonhos constelados, e ouvindo embevecida a voz que se ergue no silêncio para dizer toda a história de um coração incompeendido...

No *samba*, então, em que os dedos do artista tanto se aplicam às cordas como ao costado do instrumento, a gente sente, vê o pedaço da roça em festa, e umas figuras de ébano reluzindo de suor, e uns corpos ora cingidos ora libertos, descrevendo a coreografia africana, em volteios que não acabam mais. Mas onde, sobretudo, pudemos aferir do valor do artista, por nos ser mais familiar a música, foi no Fado. Muitos dos senhores não conhecem o fado, nunca o ouviram, talvez, tocar ou cantar... O Fado é uma música genuinamente portuguesa que os portugueses amam e que anda pelo mundo à procura de estados afetivos ou intelectuais que interpretar. Cantado e saracoteado nas salas e salões da época de D. João V e indo, por aí fora até descer às tabernas dos nossos dias, o fado zombou de todas as inovações musicais através os séculos e tem vindo pela vida

[45] Para este artigo, atualizamos a ortografia e corrigimos os erros tipográficos dos textos de Leiroz.

fóra com a sua característica própria, traduzindo amor, sonhos, ciumes, ausência e saudade.

Rocha Peixoto no seu livro *A Terra Portuguesa* diz que "*Portugal tem o fado para a folia, para o amor, para a amargura e até para a morte*" e acrescenta que, "*num mesmo esquema métrico, de norte a sul, dantes, hoje e sempre, o povo enquadra todas as suas idéias e sentimentos, todos os fatos*".

É uma música gemente, alanceada, posta ao serviço das almas sensíveis. Américo Jacomino conseguiu apreender-lhe o caráter em pequenas variações, estudou-lhe a melopéia, alargou-lhe o número de efeitos. Com o Fado, no seu violão surge transfigurado, rico de melodia, acusando em todas as transições uma originalidade individual, a originalidade do executante! E para isto conseguir, Américo Jacomino não precisou deformar a estrutura, o fundo primitivo da música. O que fez foi opulentá-la com uma alma nova, arrancá-la do círculo vicioso da mesmíssima toada, vestí-la de cambiantes e alternativas, obtendo uma composição que produz nas almas sensações cromáticas as mais variadas.

Numa audição à imprensa, realizada há dias nas salas da *Cigarra*, o artista que já tínhamos ouvido antes, uma noite na redação d'*O Estado*, revelou-se sob um aspecto passional, dando-nos bocados heterogêneos de música fina, a que o Fado pôs remate.

Não ouve um só assistente que não adaptasse a esse delicioso momento psicológico, nem que não reconhecesse em Américo Jacomino um autêntico tradutor de todas as sensibilidaes contidas numa obra de arte. Deram-lhe por isso as mais frementes palmas e foi bom que assim acontecesse, porque talvez elas sejam um estímulo para colocar este bizarro artista em frente de um grande público.

O Conservatório Dramático é um bom recinto, pela capacidade e pela acústica. O violão de Jacomino talvez ajustasse bem, alí. Depois de consagrado já, o artista poderia ir por esse interior afora e subtrair à vida da roça a monotonia destas longas e fatigantes noites de inverno. O seu instrumento tem o segredo de atrair as almas. Certamente, com o seu talento e a sua emoção, Jacomino levaria à alma dos sertões um filtro capaz de entornar nela a luz jocunda que faz da vida uma coisa apetecida.

(28 de junho de 1916)

2 - AMÉRICO JACOMINO

[Manuel Leiroz]
(*O Estado de S. Paulo*, 5 set. 1916)

É hoje à noite que se realiza o concerto de violão organizado por este simpático artista, com o concurso do sr. Danton Vampré, que lerá a conferência do nosso companheiro Manuel Leiroz, o sr. Trajano Vaz, que cantará lindas canções do Brasil, entre as quais o *Marroeiro*, e do sr. Silvério [sic] Gaudêncio, que acompanhará ao violão.

O festival será iniciado com a conferência sobre instrumentos. Seguindo o pensamento de Miguel Zamacois, o conferente porá em relevo a função e préstimo de vários instrumentos.

Depois, reivindicará para o violão o crédito que ele, na antiguidade, sempre gozou, mostrando que em Portugal, nos séculos heróicos das viagens e das batalhas, esse instrumento acompanhava trovadores e troveiros na sua vida amorosa e de aventuras, conhecera desde os paços dos reis às vielas da mouraria e embarcara com mais de cinco mil violas para os areais da África, onde testemunhou a derrota de Alcácer Quibir. O violão exerceu a ditadura nas salas mais elegantes, fulgurou nos teatros, perturbou e endoideceu uma legião de mulheres e obrigou muitos escritores estrangeiros a render homenagem ao seu domínio encantador.

O seu papel saliente nos *minuetos* da cidade e da corte, nos *fandangos*, nos *arrepia*, no *oitavado*, no *arromba* e outras danças, jamais poderá ser esquecido. D. João V, que era um rei folgazão, considerava-o um instrumento precioso para aligeirar o fardo da vida...

Em França, no primeiro império, na devassidão dissolvente do segundo, sob a restauração, o violão entrou no gosto do público, juntamente com as primeiras "troupes" vindas da Itália, tomou parte num concerto de cães, inventado para divertir Luís XI, deliciou epicuristas do bairro latino, os cabarets de Montmartre, deu serenatas às mais aristocráticas mulheres e foi a causa, um dia, de Margarida de Escócia, esposa de Luís XI, ao ver a dormir o normando Alain Chartier, beijar-lhe a "preciosa boca", de onde tinham saído as palavras de um madrigal feiticeiro.

O violão acompanhou os cantos de Ninon, nas poesias folgazãs de Chaulieu e nas coplas ferinas de João Batista Rousseau. E nos bailes de máscaras introduzidos em França, em 1716, esteve a serviço da Princeza de Valois e do Duque de Modena, seu noivo, encantando os "cavalheiros de indústria", que sempre os acompanhavam.

Em Espanha, no século XVII, pontifica nas reuniões elegantes e nas alfurjas das mancebas. Desce com escala ruidosa e despreocupação de vida de Madrid até Sevilha; faz-se ouvir na *Triana* e na *Torre del Cro*, atrai os eirados de tijolo, cobertos de flores e chiquetas de olhos negros e camélias no penteado, as donas de bloco escuro, os espadachins de manto negro e bravura truculenta. Mistura-se com ciganas de face morena e gandes brincos nos lóbulos das orelhas e chega a impor-se ao gosto estético e moral dos mouros enamorados. Toma parte nos concertos, espetáculos de estudantes de La Picola Escuela e dos Hidalgos Hermosos e no corro assombrado em que se exibia, foi muita vez coberto pelo frêmito de aplausos e de gritos das "niñas" entusiasmadas.

Na Itália o violão inspirou árias, vilotas e vilancelas, fez parte de uma orquestra no palácio de Joana de Aragão, deu concepções às melodias de Gesualdo, Príncipe de

Venosa, concorreu para a restauração da música pagã. Introduziu-se nas academias, acordou as águas de Veneza em serenatas de guelfos e escarpins. Serviu o amor num período em que a música fazia a paixão da época e concorreu com os filarmônicos de Verona, instituídos por Alberto Lavezzola.

Nos Países Baixos, quando ainda no estado de uma só corda - a “tromba marinha”, e depois em transformações sucessivas, já com trinta e seis cordas, alcançou ruidoso sucesso em Bruxelas, num concerto de gatos verdadeiros, que os Belgas ofereceran a Felipe II da Espanha. Finalmente em quase todos os países da Europa, o violão acompanhou a natureza das tradições e a disposição psicológica dos respectivos povos.

Como se vê, o programa da festa é atraente e porque o preço do ingresso é reduzido, é de esperar que hoje à noite não haja um lugar no Conservatório Dramático.